

Parceiros não comunicativos: análise da mídia dos movimentos sociais e os educadores radicais

Uncommunicative partners: social movement media analysis and radical educators

■ JOHN D.H. DOWNING*

RESUMO

Ao mesmo tempo em que a literatura sobre pesquisas em mídia alternativa, mídia participativa, mídia tática, bem como a mídia dos movimentos sociais, continua a se expandir e a explorar esse importante universo da comunicação pública, esta mesma literatura atualmente também tende a se mostrar extremamente analítica. O artigo se concentra principalmente no potencial das faculdades e universidades, incluindo o universo além dos contextos educativos, na construção de interações construtivas nos chamados *cinco cantos* do firmamento da mídia: as análises da mídia, o ativismo da mídia, a mídia arte, as profissões na indústria da mídia e os responsáveis pelas políticas de mídia. Há momentos e locais de sobreposição entre um ou mais desses pontos, mas na maior parte das vezes isso não ocorre.

Palavras-chave: análise da mídia, ativismo, mídia dos movimentos sociais

ABSTRACT

While the research literature on alternative media, participatory media, tactical media, social movement media, continues to expand and explore this significant realm of public communication, it tends at the present time to be very heavily analytical. The paper will focus principally on the potential in colleges and universities, but not only in those educational contexts, for constructive interactions from all five corners of the media firmament: media analysis, media activism, media arts, media industry professions and media policy-makers. There are moments and places of overlap between one or more of these, but too often, there are not.

Keywords: media analysis, activism, social movement media

* Fundador e professor do Global Media Research Center do College of Mass Communication and Media Arts da Southern Illinois University Carbondale, nos Estados Unidos.

INTRODUÇÃO: ALGUMAS DEFINIÇÕES

MINHA TAREFA PRINCIPAL é abordar o que algumas mídias digitais denominaram de “a cauda longa” da mídia (cf. também *National Alliance for Media Arts and Culture*, 2004), em outras palavras, a mídia que já foi denominada como: mídia alternativa, mídia dos cidadãos, mídia da comunidade, mídia tática, mídia independente, mídia de contrainformação, mídia participativa, mídia do terceiro setor, mídia dos movimentos sociais. Cada um desses termos possui seus prós e contras.

Em certa perspectiva, o termo mídia *alternativa* é uma designação completamente insossa, já que tudo é uma alternativa para alguma coisa, embora do ponto de vista de Chris Atton (2001), a própria imprecisão do termo nos ajuda a reconhecer como a prática cultural cotidiana é impregnada por uma variedade extraordinária de formas de mídia alternativa.

Para Clemencia Rodríguez (2001), a “mídia dos cidadãos” é um termo que reconhece o campo magnético criado pela cidadania cultural, apesar que, em tempos de movimentos de refugiados em massa e de migrações de pessoas em situação trabalhista irregular, a palavra *cidadão* aplicada à mídia deve ser explicitamente despojada de sua conotação legal.

Ellie Rennie (2006) desenvolveu um caso muito eficaz para o uso do termo “mídia da comunidade”; mas penso que esse termo ainda é assombrado pelo significado *nebuloso e róseo* implícito na palavra *comunidade*.

“Mídia tática” é o termo favorecido pelo ativista de internet e escritor Geert Lovink (2002), apesar de sua explicação do termo ser quase uma antidefinição:

...[mídia tática é] um termo deliberadamente escorregadio, uma ferramenta para criar *zonas de consenso temporário* com base em alianças inesperadas... hackers, artistas, críticos, jornalistas e ativistas... A mídia tática mantém mobilidade e velocidade (Ibid: 268).

Em situações onde o conceito de *pós-modernidade* tem uma tração analítica genuína, “mídia tática” é sem dúvida um termo viável, movendo-se e encaixando-se com sintonia na concepção de *Zonas Autônomas Temporárias*, elaborada por Hakim Bey (1991). Eu peço desculpas se horrorizar alguém com a perspectiva de que a Amsterdã pós-moderna, com uma administração social-democrática, pode não ser o *Zeitgeist* em sua totalidade, mas quanto mais nos movemos nessa arena, mais o termo de Lovink corre o risco de se tornar surrado.

“Mídia independente” é o termo preferido por Herman e Chomsky para denominar a mídia de notícias não corporativa, não estatal e não religiosa. O termo tem uma motivação fundamentalmente retórica, em especial para

contestar a alegação frequente de que a mídia de notícias em países com políticas capitalistas liberais, principalmente nos Estados Unidos, trabalharia com total liberdade e independência. Por enquanto tudo bem; no entanto, os novos vieses implícitos no uso do termo por Herman e Chomsky embargam toda uma coleção de termos de mídia e expressões culturais fundamentais nessa área, termos que não têm diretamente nada em comum com notícias ou jornalismo.

O termo “Mídia de contrainformação”, originado com Pio Baldelli (1977), mas ainda bem atual (Vitelli e Rodríguez Esperón, 2004), é também muito marcado dentro da área do jornalismo, na qual a palavra *informação* é usada como sinônimo de *notícia*. Sem dúvida, a missão de preencher lacunas e distorções em fontes de notícias hegemônicas e seus pormenores empíricos é algo muito importante, como demonstrado repetidamente pelas coberturas de guerras e de ecologia. No entanto, nós precisamos muito mais de contrainformação estável do que contrainformação oscilante, e mais do que uma estratégia de informação cuja agenda é ditada pela necessidade de responder mais do que reformular radicalmente.

“Mídia participativa” é um termo bastante utilizado em projetos no Terceiro Mundo, e em sua concepção original significava que as pessoas afetadas por esses projetos deveriam ter um papel ativo na elaboração dos mesmos, e em seguida também deveriam avaliar os seus progressos (Mefalopulos, 2003). Essa estratégia igualmente priorizou as maneiras de envolvimento nas quais a mídia de todos os tipos deveria ter com esses objetivos, em outras palavras, o inoperante retorno provindo das estratégias de comunicação elaboradas de cima para baixo. Os hábitos são mais difíceis de derrubar que a retórica, no entanto, na prática, o termo *participativo* na maioria das vezes tem se tornado um jargão vazio, jogado de lá para cá entre os administradores de desenvolvimento de projetos em seus editais de concorrências públicas¹.

“Mídia do terceiro setor”, denotando a mídia na esfera da ação social voluntária, é um termo algumas vezes utilizado em discussões na Europa. Está implícito, apesar de não ser efetivamente utilizado, no relatório do Parlamento Europeu, o *Community Media In Europe* (European Parliament, 2008). É um termo baseado em políticas que definem essas mídias principalmente por aquilo que elas não são. Em outras palavras, a parte do espectro midiático que não tem patrocínio comercial, governamental nem institucional. É um termo conveniente para o debate sobre políticas de mídias, no entanto, não oferece mais do que isso.

“Mídia dos movimentos sociais” (Downing, 2008) é o termo que eu tendo a preferir, visto que o termo ancora esses projetos de mídia em grandes e pequenos movimentos sociais, construtivos e repressivos, e todos os anteriores. Por

1. No texto original, *RFP documents*, *RFP* é a sigla para *Request for Proposal*, um convite para os fornecedores enviarem suas propostas. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Request_for_proposal. Acesso em 18 fevereiro, 2010 (NT).

outro lado, temos que admitir que há uma grande abundância de mídia em pequena escala, de revistas paroquiais a boletins de mesquitas, de fanzines a sites de fãs na Internet, os quais trazem apenas parcialmente (ou não trazem nenhuma) alguma conexão íntima com qualquer tipo de movimento social. Nesse sentido, nós estaríamos mais inclinados a concordar com o *videomaker* boliviano, autor, poeta, historiador de cinema e ativista de mídia Alfonso Gumucio Dagron (2004), em seu grito de desespero contra a férrea determinação dos acadêmicos em produzir definições absolutas sobre realidades sociais – definições nas quais essas realidades são então obrigadas a se ajustar. E nós temos que reconhecer uma realidade mais básica, que a definição dessas mídias está condenada a ser muito mais difícil que a definição de mídia convencional, cujas formas, estruturas e gêneros organizacionais são, em comparação, realmente bem mais restritos. Não nos surpreenderia, então, que as definições que eu acabo de mencionar se sobreponham em alguns pontos, e sejam sempre insuficientes. É uma reflexão direta dessas formas de mídias antropologicamente polimorfos.

Até o início da atual década, os projetos de mídia deste tipo – na maioria das vezes em pequena escala, muitas vezes efêmeros, quase sempre subfinanciados ou totalmente sem fundos – estavam basicamente monitorados pelo radar da pesquisa da mídia convencional. Eles eram muito confusos, muito patéticos em comparação com a grande mídia, e muito *nanicos* para que valesse a pena despendar muita energia pesquisando esses projetos.

Esse cenário mudou notavelmente com o aumento constante de publicações de estudos e pesquisas nessa área, muitas das quais em forma de livros, e com o surgimento de uma conferência internacional anual dedicada a essa mídia, a conferência *OurMedia/NuestrosMedios*, que já se reuniu nos Estados Unidos, Espanha, Colômbia, Brasil, Índia, Austrália e Gana. Desde meados desta década, com o advento dos chamados sites de *redes sociais* como o *YouTube*, *MySpace*, *Facebook* e outros, não é mais plausível passar displicentemente por esta área de pesquisa.

A questão agora é saber se isso deveria ser algo para ficarmos satisfeitos. Deveríamos estourar um champanhe para celebrar a nova criança saudável e saltitante que entra para a família de pesquisas sobre mídia, uma área já em rápida e plena expansão? Ou a alternativa seria a do ponto de vista dos críticos britânicos nos estudos de mídia, para os quais nosso campo é fértil em argumentos refutáveis, de que é hora de abortar essas pesquisas sobre mídia?

Penso que nenhuma das duas alternativas. Eu quero deslocar o debate para uma direção completamente diferente, de um compromisso com as consequências sociais da nossa pesquisa e ensino. Dentro *desse* quadro, eu pretendo continuar

minha discussão sobre mídias em movimentos sociais em uma visão geral da configuração atual frequente dos programas de estudos de Mídia e de Comunicação. Estes, a meu ver, têm uma falha crucial. Ou falhas.

O PENTAGRAMA

Para aqueles intensamente envolvidos em questões midiáticas além da forma acadêmica, eu gostaria de sugerir um pentagrama composto pelos ativistas de mídia, analistas de mídia, artistas de mídia, profissionais de mídia e os responsáveis por elaborar políticas de mídia. Há na verdade aqueles que cumprem papel duplo, como educadores e analistas de mídia, ou os analistas da indústria, assim como os pesquisadores do governo, mas vamos nos deter no pentagrama proposto acima por um momento.

O que é notável sobre esse pentagrama é o frequente grau de suspeita e, pior ainda, depreciação mútua, entre esses setores da mídia. Os profissionais da indústria olham os estudos de mídia com irritação e os acadêmicos os imitam. Os ativistas de mídia se impacientam com ambos, e estes com os ativistas, se por acaso prestarem alguma atenção a eles. Os artistas de mídia muitas vezes veem os ativistas de mídia como pré-estéticos e, por sua vez, são definidos por estes como elitistas egocêntricos, embora ambos geralmente concordem na exclusão dos pesquisadores acadêmicos de mídia em assuntos de muita importância. Alguns responsáveis pela elaboração de políticas de mídia lamentam a falta de contribuição desses outros setores, enquanto que outros simplesmente confiam na colaboração corporativa e a utilizam para conceber políticas de mídia. De qualquer maneira, os responsáveis por desenvolver políticas de mídia, assim como os analistas de mídia, são muitas vezes alvos de desprezo e desconfiança, aparentemente a única moeda comum de comunicação dentro do pentagrama.

Essas divisões e algumas outras tendem a se reproduzir perfeitamente na academia, onde os estudos e a produção midiáticas não são apenas departamentos separados, mas frequentemente divididos entre as ciências sociais e as artes, ou como nos Estados Unidos, em que estudos de Cinema e estudos de Retórica podem estar inseridos em Letras, enquanto os estudos de Jornalismo se protegem ferozmente contra a contaminação pelos estudos de Comunicação. Mesmo em departamentos onde os produtores de vários tipos de mídias coabitam com os analistas de mídia, muitas vezes surge desconfiança mútua e medo de que os recursos sejam alocados de forma desigual de um local para outro. Mesmo se não houver competição por recursos escassos, como em casos de “precisamos desesperadamente de alguém em animação / economia de mídia / jornalismo / história do cinema”, e mesmo quando as relações internas são amigáveis e respeitadas, os currículos normalmente *sobrepoem* os cursos analíticos e de

produção de mídia, mas não buscam de forma alguma um caminho para levá-los além do flerte e a chegarem a um casamento de fato. Portanto, muitas vezes, os estudantes se graduam com um belo mosaico de conhecimentos isolados dentro de suas cabeças.

Penso que é uma síndrome com raízes muito profundas. A divisão do trabalho entre pensadores e criadores está gravada em nossa história e no tecido social, e afeta diversas outras atividades além da mídia. Como Richard Sennett escreve em seu recente livro *The Craftsman*² (2008: 11):

A história tem criado precipícios entre a prática e a teoria, a técnica e a expressão, o artesão e o artista, o criador e o usuário; a sociedade moderna sofre desta herança histórica.

Hoje essas divisões sufocam o verdadeiro potencial de programas de educação de mídia, impedindo um diálogo engajado, e não mais superficial, entre os cinco pontos da bússola da mídia. Essa questão não ocorre somente com os programas de mídia. A interessante análise de Glenn Adamson (2008) da relação entre o pensamento sobre o ofício e o pensamento sobre a arte, embora sem abranger a produção de mídia e portanto, raramente discutindo práticas de mídia *coletiva*, demonstra como é consolidado o instinto de estabelecer abismos intransponíveis entre trabalhadores realmente criativos e simples produtores de artesanato. Nós não *temos* que acompanhar os esforços exaustivos de Howard Risatti para traçar as diferenças essenciais entre arte, artesanato e design em seu livro *A Theory of Craft*³ (2007), ou no seu malogro em ir além do artista individual ou do artesão e chegar à realidade coletiva da produção midiática para, no entanto, reconhecer nela a inteligência de mãos e cérebros experientes em ação. Como coloca Risatti ao falar do artesão, mas pela implicação sobre a maioria de nós, os criadores de mídia, analistas de mídia, educadores de mídia: "...materiais ...precisam ser *amorosamente* seduzidos para entrar em um formato funcional" (Ibid.: 107).

Em muitos casos, como educadores de mídia, somos capazes de oferecer um fórum para essas diferentes atividades e interesses, um lugar de interação, mesmo que os participantes em tais fóruns frequentemente se afastem balançando a cabeça e se perguntando o que eles estavam fazendo ali. No entanto, o potencial para um diálogo mutuamente esclarecedor nesses espaços quase neutros existe, e considero como um fracasso de objetivos que os programas de mídia não usem suas instalações para encorajar um sério engajamento mútuo, pelo menos em interesse próprio, assim como dos alunos. Claro que essa troca de conhecimentos será dividida por interesses sociais, alguns deles, sem dúvida, incompatíveis. Mas isso não é novidade e não há razão para não

2. Publicado no Brasil como *O Artífice* (Rio de Janeiro: Record, 2009) (NT).

3. *A Teoria do Ofício* (NT).

realizar um esforço em fazer com que esses fóruns funcionem. É uma agenda grande mas crucial, e visto que segue o curso da história e da nossa inclinação para o ciúme mútuo, é uma agenda de educação radical, uma agenda que pode ser comprovada cada vez mais pelo crescente movimento de reforma midiática nos Estados Unidos.

Sem dúvida, os elementos nesse argumento, embora eu não tenha percebido isso ao iniciar esta análise, já foram colocados anteriormente pelo pesquisador canadense de mídia, Marc Raboy, quase vinte anos atrás.⁴ O pesquisador propôs que, para expandir o alcance de uma democracia forte e substancial, aqueles envolvidos em questões midiáticas deveriam trabalhar para conectar as forças em cinco áreas: análise crítica da mídia, meios de alfabetização, criação de mídia autônoma, apoio às iniciativas construtivas na mídia convencional, e o envolvimento na elaboração de políticas de mídia (Raboy, 1991: 169-171).

MÍDIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCADORES DE MÍDIA RADICAIS

Neste último segmento, quero me concentrar em apenas uma faceta da educação de mídia radical, ou seja, na interface potencial entre o ativismo de mídia dos movimentos sociais que eu revi no início, e os educadores de mídia, como muitos de nós.

Primeiro ponto: um vício frequente dos educadores nos estudos de mídia – e eu também não posso atirar a primeira pedra! – é o de simplificar a práxis midiática, de maneira que os alunos possam considerá-la inicialmente reveladora e até deliciosamente chocante, mas muitas vezes correndo o risco de educá-los num maior cinismo, desarmando-os como cidadãos, ao invés de prepará-los. Onde isso acontece, a análise da mídia pode levar a uma grave incapacidade política.

Segundo ponto: Mesmo que muitos programas de estudos midiáticos não tenham verba para oferecer algo parecido com uma sala de aula equipada para a produção de filmes, vídeos, áudio ou notícias pelos estudantes, nenhum de nós aqui necessita que lhe digam que com o nosso *laptop* podemos pesquisar, produzir, editar, criar imagens gráficas e áudio, e desse modo transmitir nosso conteúdo midiático a qualquer pessoa que entenda nossa linguagem e que esteja conectado. Isso elimina um grande número de pessoas com computadores antigos e com fornecimento intermitente de eletricidade, mas deixa ainda uma crescente multidão ao redor do planeta. Com o desenvolvimento das tecnologias do *iPhone*, cada vez mais educadores serão capazes de usá-los, assim como os *laptops*. Um recente estudo, *The Horizon Report 2008* (*New Media Consortium, 2008*) – uma rede global de cerca de trezentas organizações

4. Meus agradecimentos a Marc Raboy por fazer-me notar seu ensaio.

educacionais – sinaliza que em apenas dois ou mais alguns anos, os vídeos comunitários e as redes de colaboração, assim como as tecnologias que estão agora batendo em nossas portas, como a banda larga móvel e a mixagem de dados, também poderão ser usados na educação. Daqui a três ou quatro anos, no máximo, argumentam eles, teremos cada vez mais tecnologias de aprendizagem colaborativa disponíveis, que incitarão a reformulação dos nossos modelos educacionais, ainda muito verticais⁵.

Por sua vez, isso já significa que os programas midiáticos em países prósperos e nas suas cidades mais importantes, mesmo sem possuírem nenhuma instalação de produção profissional ou até mesmo subprofissional, como também programas de estudos midiáticos sem conexão com os programas de arte e mídia, agora podem começar a oferecer cursos de produção. Os programas de publicidade criativa são uma perfeita ilustração do que foi possível fazer no passado, mas hoje em dia temos outros exemplos a mencionar. Da perspectiva educacional mais elementar, essa dimensão curricular nos trabalhos acadêmicos de análise midiática permitirá que os alunos desses programas pensem e falem sobre a construção de produtos de mídia, de uma maneira muito mais consciente e fluente do que costuma ocorrer. Alguns estudantes podem ter interesse por cursos de roteiro e de coordenação de produção, que não requerem equipamentos caros, mas mesmo assim serão levados para dentro das engrenagens internas do processo midiático.

No entanto, pretendo ir além desse ponto. Para os educadores e analistas de mídia que desejam estudar questões sobre suas próprias raízes, indivíduos radicais em outras palavras, o vínculo entre a análise e a prática oferece uma importante abertura para a proliferação das facilidades da mídia dos movimentos sociais, suas experiências e vivências. Não deveríamos ficar satisfeitos com os sistemas midiáticos que temos, nem ignorar as questões ambientais, questões de “raça” e etnia, gênero, classe social, pobreza global e guerra. A meu ver, as nossas prioridades como educadores de mídia devem ser traçadas utilizando as contribuições recentes, como por exemplo, o estudo do historiador Peter Linebaugh (2008) sobre a influência global da Magna Carta e da Carta Florestal feitas na Grã-Bretanha, século XIII. Esses documentos estabeleceram alguns direitos fundamentais contra o poder dos reis e os direitos sobre terras de propriedade pública. Linebaugh assinala como, invocando esses privilégios, outras asserções de direitos comuns similares surgiram ao longo de quase oito séculos, e têm provido o “direito de resistência à realidade de um planeta de favelas, condomínios fechados, e de terror sem fim” (Linebaugh, 2008: 279). Nossas prioridades também precisam ser modeladas pelo livro *Democracy Incorporated*⁶, do cientista político Sheldon Wolin (2008), em que ele diseca,

5. Agradeço minha colega Dra. Angela Aguayo por chamar minha atenção para este relatório.

6. *Democracia Incorporada* (NT).

com o auxílio da história política moderna e filosofia política, o que ele chama de uma perigosa tendência atual, percebida nos Estados Unidos, para um “totalitarismo invertido”. Ele descreve a engenhosidade do regime americano “em exercer o poder total sem parecer, sem criar campos de concentração, ou impingir uniformidade ideológica, ou suprimir os elementos dissidentes à força, enquanto esses indivíduos continuarem ineficazes” (Ibid: 57), um argumento que ecoa um livro de Bertram Gross (1980) sobre a política americana de cerca de trinta anos atrás, intitulado *Friendly Fascism*⁷. O autor se restringe aos Estados Unidos, mas os fenômenos de Blair, Berlusconi, Sarkozy, Putin ou Hu dificilmente estão desvinculados, e coletivamente dão cobertura a regimes despóticos, da Bielo-Rússia à Birmânia. E as nossas prioridades devem ser construídas também com a ajuda da discussão de David Harvey (2000) sobre o utopismo dialético em seu livro *Spaces of Hope*⁸.

No entanto, essas prioridades também podem ser moldadas construtivamente, considerando os vários casos históricos da conexão real entre educação, arte, artesanato e análise. Eu mencionarei apenas dois. Um deles é descrito no novo estudo de April Masten (2008) sobre as numerosas mulheres, artistas profissionais do movimento *Unity of Art*⁹ no período de 1850 a 1880 (Ibid), que após obterem educação formal na *New York's Cooper Union* tornaram-se pintoras, desenhistas, ilustradoras, gravadoras, coloristas e professoras de arte, trabalhando em jornais, em uma grande diversidade de revistas, editoras de livros, design e outras áreas. Toda a filosofia do movimento, até certo ponto influenciada pelo britânico John Ruskin, era a superação da lacuna entre a arte para o uso cotidiano da mídia e a arte para ser exposta, assim como o vazio entre a análise e a prática.

Meu segundo exemplo é o movimento de colagem na Europa Central no período de 1918 a 1945. Em *Foto*, trabalho de Matthew Witkovsky (2007), um volume de obras de uma coleção de colagem fotográfica desse período, mostrada na exibição feita pela *National Gallery of Art*, em Washington D.C, e pela *Scottish National Gallery of Modern Art*, em Edimburgo, na Escócia, os capítulos três e sete em especial, mostram um fascinante conjunto de projetos que envolveu artistas, análise da mídia e educação, assim como a mídia dos movimentos sociais. Estes variaram desde grupos notórios como a *Bauhaus* aos dadaístas de Berlim, incluindo grupos muito menos conhecidos até a mencionada exposição, como o grupo *Blok*, presente em várias cidades polacas, o grupo tcheco *Devětsil* nas cidades de Praga e Česke Budějovice, o grupo *Zenit* em Belgrado, e a *School of Applied Arts (ŠUR)* na Bratislava, capital da República Eslovaca. O fotojornalismo foi o ramo que obteve a maior expressão nesse movimento internacional, e a série de trabalhos de John Heartfield para a revista ilustrada

7. *Fascismo Amigável* (NT).

8. O livro foi publicado no Brasil com o título: *Espaços de Esperança*. Traduzido por Maurício B. Leal. São Paulo: Edições Loyola, 2004 (NT).

9. *A Unidade de Arte* (NT).

alemã *Arbeiter Illustrierte Zeitung*, é de longe o exemplo mais conhecido, apesar da enorme variedade de outras atividades na Europa Central durante esses vinte e cinco anos.

Resumindo então em dois itens:

– Face ao imobilismo político generalizado em relação a Bush e Cheney, seus clones e também seus admiradores, os *nossos* programas de educação de mídia podem e devem se comunicar *produzindo* mídia, não só dissecando essas questões.

– Se a dimensão de *aprender fazendo* do nosso programa estiver marcada pela hegemonia de prioridades e modismos da produção da mídia comercial, a nossa tarefa deve ser a de encorajar nossos alunos a desenvolver uma *esquizofrenia construtiva*, uma habilidade para jogar o jogo comercial quando necessário para sobreviver, mas também para ao mesmo tempo, ter a capacidade de manter uma constante distância mental do jogo em si, e continuar tendo um anseio persistente de mudar a situação¹⁰. ■

10. Como a cantora canadense Joni Mitchell gravou em seu famoso álbum dos anos setenta, *Court and Spark*, em resposta ao veredito do seu analista de que ela era esquizofrênica: "Duas cabeças pensam melhor que uma!"

REFERÊNCIAS

- ADAMSON, Glenn. *Thinking Through Craft*. Oxford & New York: Berg, 2008.
- ATTON, Chris. *Alternative Media*. London, UK: Sage Publications Co., 2001.
- BALDELLI, Pio. *Informazione e Controinformazione*. Milano, Italy: Mazzotta Editore, 1977.
- BEY, Hakim. *T.A.Z.: The temporary autonomous zone, ontological anarchy, poetic terrorism*. New York: Autonomedia, 1991.
- DOWNING, John. *Radical Media: rebellious communication and social movements*. Thousand Oaks, California: Sage Publications Inc, 2001.
- _____. *Social movement theories and alternative media*. *Communication, Culture & Critique* 1.1, pp. 40-50, 2008.
- European Parliament. Community Media In Europe*, 2008. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+TA+P6-TA-2008-0456+0+DOC+XML+V0//EN&language=EN_.
- GROSS, Bertram. *Friendly Fascism: the new face of power in America*. Boston: South End Press, 1980.
- GUMUCIO DAGRON, Alfonso. The long and winding road of alternative media. In: DOWNING, John et al., eds. *The Sage Handbook of Media Studies*. London, UK & Thousand Oaks, California: Sage Publications, pp. 41-63, 2004.
- HARVEY, David. *Spaces of Hope*. Berkeley, California: University of California Press, 2000.

- LINEBAUGH, Peter. *The Magna Carta Manifesto: Liberties and Commons for All*. Berkeley, California: University of California Press, 2008.
- LOVINK, Geert. *Dark Fiber: Tracking Critical Internet Culture*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2002.
- MASTEN, April F. *Art Work: Women Artists and Democracy in Mid-Nineteenth Century*. New York, Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2008.
- MEFALOPULOS, Paolo. *Theory and Practice of Participatory Communication: The Case of the FAO Project "Communication for Development in Southern Africa."* Washington, DC: The World Bank, 2003. Disponível em: <http://www.cominit.com/en/node/72266>.
- National Alliance for Media Arts and Culture. *Deep Focus: A Report on the Future of Independent Media*. San Francisco, CA: NAMAC, 2004.
- The Horizon Report*. Austin, Texas: New Media Consortium, 2008. Disponível em: <http://www.nmc.org/horizon/>.
- RABOY, Marc. *Communication and the New World Order: strategies for democratization, 1991*. Disponível em: http://media.mcgill.ca/files/1991_Blac%20Rose_Communication.pdf.
- RENNIE, Ellie. *Community Media*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2006.
- RISATTI, Howard. *A Theory of Craft: Function and Aesthetic Expression*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press, 2007.
- RODRÍGUEZ, Clemencia. *Fissures in the Mediascape*. Cresskill, New Jersey: Hampton Press, 2001.
- SENNETT, Richard. *The Craftsman*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2008.
- VITELLI, N. e RODRÍGUEZ, Esperón (eds). *Contrainformación: Medios Alternativos para la Acción Política*. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2004.
- WITKOVSKY, Matthew S. *Foto: Modernity in Central Europe, 1918-1945*. New York: Thames & Hudson, 2007.
- WOLIN, Sheldon S. *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2008.

TRADUZIDO POR SILVIA COBELO

Artigo recebido em 19 de agosto e aprovado em 22 de outubro de 2009.

